

Luciana Magno, um corpo movente na Amazônia

Luciana Magno, a moving body in the Amazon

ORLANDO FRANCO MANESCHY*

Enviado a 13 de março de 2017 e aprovado a 14 de março de 2017.

*Brasil, artista visual, curador independente e professor pesquisador. Bacharelado em Comunicação Social. Mestre em Comunicação e Semiótica (Artes). Doutor em Comunicação e Semiótica (Signo e Significado nas Mídias).

AFILIÇÃO: Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes. Campus Universitário do Guamá. Rua Augusto Corrêa, 01 – Guamá. CEP 66075-110. Caixa postal 479 Brasil. Email: orlandomaneschky@gmail.com

Resumo: Este artigo concentra-se na produção artística da paraense Luciana Magno, (Belém do Pará, 1987), na Amazônia. Magno vem desenvolvendo há alguns anos a série *Orgânicos*, em que seu corpo é empreendido como elemento da natureza, buscando mimetizar-se ao espaço em que realiza suas performances, orientadas para fotografia e, por vezes, ao vídeo. Esse trabalho vem sendo bem recebido pela crítica de arte especializada, o que a levou a ser contemplada com distintos prêmios e ser selecionada para mostras em vários cantos do país e ainda no exterior. Abordaremos, ainda *Telefone sem Fio*, uma obra com a qual a artista cruzou o Brasil, dos pontos mais extremos de norte a sul, estabelecendo um olhar crítico e poético acerca da cultura, história e política.

Palavras chave: Performance / Amazônia / Arte e Política.

Abstract: *This article concentrates on the artistic production of Luciana Magno (Belém do Pará, 1987) made in the Amazon region. Magno has been developing for several years the Organic series, in which his body is undertaken as an element of nature, seeking to mimetic the space in which do performances oriented to photography and sometimes video. This work has been well received by the critics of specialized art, which led to it being contemplated with different prizes and being selected for shows in various corners of the country and still abroad. We will also address, *Telefone sem Fio*, a work in which the artist crossed Brazil, from the most extreme points from north to south, establishing a critical and poetic look at culture, history and politics.*

Keywords: Performance / Amazon / Art and Politic.

Neste artigo, destacamos alguns projetos de significativa importância para a obra de Luciana Magno, dentro do seu modo de trabalho, em que os próprios processos ocorrem como fruto do contato com as circunstâncias com as quais se depara, e com o outro com o qual se relaciona, seja para acessar determinado espaço no qual deseja atuar, seja para interagir a partir de procedimentos estabelecidos para um projeto, o que a leva a adentrar em questões da região amazônica, sejam estas naturais, sejam interferências realizadas pelo homem com os diversos planos pensados para a região e que suscitam um olhar crítico, que a artista lança de forma bastante singular.

Magno, ao percorrer a Amazônia discute o corpo em relação a paisagem, em percursos de enfrentamento e de busca de mimeses com o ambiente, e que termina por ativar relações que, por vezes, fazem situações políticas reverberarem, como por exemplo, quando adentra um ambiente em que existe madeira retirada de forma ilegal da floresta. Nesse espaço, a artista entra em contato com a natureza destruída e com pequenos pedaços de vida. Na imagem, entre toras de madeira, seu corpo repousa, enquanto um pássaro pousa sobre seus cabelos. Na produção da artista as coisas conjugam-se de maneira integrada, manifestam-se no acontecimento e propiciam a experiência despontar enquanto vivência, para materializar-se na forma de arte (Figura 1).

Em Orgânicos a artista passou também por diversas situações de tensão e negociação, como quando chegou perto de uma área de mineração ilegal na rodovia Transamazônica. Lá, na estrada que significou o sonho de integração do Brasil, num projeto de colonização da Amazônia, por meio da construção de uma autoestrada que pretendia atravessar essa região do país de leste a oeste, a artista encontrou miséria e desajustes sociais, e também pessoas extremamente humanas. Em meio a uma rodovia que nunca se concretizou na totalidade do projeto, e que foi tomada em parte de volta pela floresta, Luciana Magno busca imergir na experiência com o ambiente, como quando some na poeira da terra da estrada, revirada por transportes pesados que cruzam a mesma (Figura 2 e Figura 3).

Para Marisa Mokarzel, curadora brasileira e pesquisadora de história da arte, o trabalho da série Orgânicos, que Luciana Magno vem desenvolvendo desde 2011, a leva a uma compreensão profunda sobre o ser humano:

Cabelos, pernas, troncos, algas, cipós, árvores e pedras ganham uma organicidade e passam a pertencer a único corpo que não dissocia ser humano e natureza.

O antropólogo Tetsuro Watsuji em seu livro Antropologia da Paisagem, afirma que para compreender verdadeiramente aquilo que há de fundamental no ser humano é necessário percebê-lo ao mesmo tempo como indivíduo e totalidade. A existência humana é individual e social, e isso, em parte, ocorre porque a espacialidade é inseparável



Figura 1 · Luciana Magno, Da série *Orgânicos*, performance orientada para fotografia, Santa Barbara, 2014. Acervo da Artista.

Figura 2 · Luciana Magno, Da série *Orgânicos*, performance orientada para fotografia, Transamazônica, 2014. Acervo da Artista.



Figura 3 · Luciana Magno, Da série *Orgânicos*, performance orientada para fotografia, Transamazônica, 2014. Acervo da Artista.

Figura 4 · Luciana Magno, capa e contra-capas do catálogo *Orgânicos*, Belém: Banco da Amazônia, 2016.

da temporalidade. As pessoas morrem e o entorno muda, porém dentro desse contínuo morrer e transformar, há um incessante transformar. (Magno, 2016 A, p. 02)

Neste projeto, que vem se estendendo ao longo de seis anos, a artista, por vezes, busca a delicadeza da metamorfose, em quase um processo de desaparecimento na paisagem. Há uma espécie de desejo de integração, de diálogo, de profunda troca física com a natureza na qual seu corpo habita naquele momento. Em algumas fotografias e vídeos seu corpo está tão unificado, que parece que levamos um tempo para percebê-lo. Em certas performances o tempo é um tempo expandido, frente à velocidade da vida humana. É o tempo longo da natureza. Várias dessas obras apresentam-se no catálogo da mostra *Orgânicos*, realizada no Espaço Cultural do Banco da Amazônia, entre novembro de 2016 e janeiro de 2017, com curadoria de Mokarzel, como podemos ver na imagem que ilustra a capa e contra-capa da publicação, e ainda em outras obras presentes ali. Nelas, Magno dissolve-se na imagem (Figura 4).

Ao falar sobre o projeto, em release de divulgação, a artista revela-nos:

Nosso organismo é constituído da mesma matéria orgânica que está na terra, na folha de uma árvore, na pata da formiga. Quando morremos, nosso corpo volta à terra pra ser decomposto por bactérias que vão se alimentar e gerar nutrientes pros seres vivos próximos, uma árvore, uma grama, uma minhoca... e lá na frente o ciclo se renova quando alguém come uma fruta ou um pedaço do bife do animal herbívoro que comeu aquela grama, estamos todos interligados.

Há uma poesia do fluxo da vida e da morte, do caos e do equilíbrio presente nesses trabalhos tão delicados e pungentes ao mesmo tempo. Magno que começou na fotografia na FotoAtiva, escola de imagem capitaneada por Miguel Chikaoka, em Belém do Pará, revela uma íntima conexão com o pensamento zen de seu professor, sobre o qual a artista debruçou-se em seu mestrado em artes. Talvez, nessa suave trama, fios se conectem no entendimento da vida, na reflexão sobre tempo, performance e impermanência (Figura 5).

A série *Orgânicos*, que vem sendo realizada desde 2011, recebeu diversos prêmios, como: *Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística do instituto de Artes do Pará*, 2013; *Prêmio Arte Pará*, 2014; *Prêmio Video Brasil*, 2015 e recentemente foi contemplada no edital do Banco da Amazônia. Sobre os processos da artista, Marisa Mokarzel reitera:

Ao despir-se e despojar-se de todos os artifícios para vivenciar a relação corpo e paisagem, Luciana Magno utiliza o corpo, ele mesmo, como elemento da natureza. Destece fronteiras, integra-se a um todo modificado pelo tempo, ocupa um espaço que, delimitado pela ação, torna-se lugar. (Magno, 2016, p. 03)



Figura 5 · Da série *Orgânicos*, performance orientada para fotografia, (Sem título), 2014. Acervo da Artista Da série *Orgânicos*, performance orientada para fotografia, (Sem título), 2014. Acervo da Artista

Figura 6 · Luciana Magno, página do livro resultado do processo de *Telefone sem Fio – do Oiapoque ao Chuí*, desenvolvido como colagem pela artista, 2016. Acervo: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

Figura 7 · Luciana Magno, página do livro resultado do processo de *Telefone sem Fio – do Oiapoque ao Chuí*, desenvolvido como colagem pela artista, 2016. Acervo: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

Já em *Telefone sem Fio*, (obra que tratamos em outro artigo no qual abordávamos diversas artistas), Luciana Magno observa outras fronteiras, faz-se de viajante contemporânea e cruza as cinco regiões brasileiras em um estúdio móvel, por aproximadamente 6.037km, do Oiapoque, ao extremo norte do país, percorrendo cidades entre os estados do Amapá, Pará, Maranhão, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, findando sua rota na cidade Chuí, ao extremo sul brasileiro.

Premiada com o Edital Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais (10a edição), em 2013, Magno, ao realizar *Telefone sem Fio* no formato de expedição, cruzando o Brasil, objetiva "a pesquisa como proposta de discussão e documentação dos possíveis imaginários e identidades culturais nas regiões do Brasil", como esclarece no texto do projeto submetido a Fundação Nacional de Arte – Funarte:

A obra acontece durante o deslocamento e as cidades são a bases fixas do projeto móvel, as ligações telefônicas tornam-se o lugar do encontro desses rastros delírios, testemunhos com o real. Através da fotografia, do vídeo e da voz, a prova do acontecido se faz presente, documentada. Esses fragmentos (depoimentos, fotos, vídeos) tentam, em sua relação intrínseca, propor a criação de um não-espaco, um encontro entre o ficcional, a memória e o real: contrastar imaginários, identidades e diversidades dos vários Brasís. (Magno, p. 02, 2013.)

São fluxos e percursos, desenhados de forma literalmente orgânica pela artista, que não apenas olha, mas se mescla ao lugar, estabelecendo relações sensíveis e densas, como afirma a artista no livro que desenvolveu com o projeto:

Antes de colocar o pé na estrada, de percorrer por carro/casa/estúdio-móvel aproximadamente 6.000 km por rodovias e hidrovias do Norte ao Sul do país, uma única certeza era nossa fiel companheira de viagem: a impossibilidade de decifrar racionalmente o enigma de um Brasil. "Brasis" poderia ser então a sua denominação mais justa, uma pista, um mapa, uma indicação da pluralidade a que estávamos a ser inseridos. Para entendermos a geografia extra política, optamos por uma metodologia não específica, não definida nem definidora. Transcender o campo teórico se fazia necessário para um outro saber. Um jogo. Ser levado pelo acaso, um acaso a que procurávamos e não somente nos deixávamos ser atingidos. Dessa forma, a geografia do corpo a corpo se mostrou mais do que uma ferramenta útil na descamação dos enigmas, um posicionamento preciso aos embates contínuos dos percursos. Um correr risco. Um estar aberto para não decifrar e ser devorado. Começamos o traçado no Oiapoque, a primeira cidade ao Norte do País, e findamos no Chuí, a última cidade do extremo Sul brasileiro, tendo como pontos de fricções de fronteira a Guiana Francesa e o Uruguai. A língua portuguesa ao Norte permanece mais intacta que ao Sul, no Chuí onde uma espécie de portunhol ecoa pela cidade devido ao transito livre de pessoas e mercadorias estabelecida pelo acordo Mercosul. Ao Norte, como toda a historia vem apresentando dados sobre a região amazônica, a questão fica um pouco mais violenta. Ilhados por um rio, os amapaenses e brasileiros

de vários lugares do país que migraram para aquela região na promessa do ouro e de uma vida melhor, não possuem o mesmo transito livre que a Guiana Francesa. (Magno, p. 34, 2016 B)

No livro Telefone sem Fio – do Oiapoque ao Chuí, Solon Ribeiro, artista e curador que viajou na expedição, escreve, junto com Magno:

Todos os meios tecnológicos utilizados durante o projeto para a sua documentação se revelaram a quem da complexidade da grandeza a que ele ia se desvendando, como um filme que se vive dentro do filme, aquilo que no momento final não é exposto na tela. Toda documentação pode ser acompanhada no site www.lucianamagno.com com telefonesemfio onde um mapa interativo com demarcações das 32 cidades pode ser acessado, assim como o documentário resultado final do projeto e que também acompanha esta publicação. No site se revela um não lugar, não lugares, os séculos parecem ter deixado o homem cansado de tantas informações. (Magno, p. 34, 2016 B)

Magno ativa um conjunto de processos em seu trabalho artísticos, que faz com que seu estar na vida misture-se profundamente como seus fluxos vivenciais-artísticos. Nesse movimento, na delicadeza dos gestos, no desaparecer na paisagem, articula sobre tempo e história, fala do diminuto da temporalidade da vida humana e daquilo que podemos constituir enquanto passageiros na terra. São vídeos e fotografias de intensa entrega e interação com o ambiente em que se encontra presente, como em Orgânicos, bem como reflexão profunda, quando entendemos Telefone sem Fio, como um movimento de experiências, ordenadas na forma de livro/vídeo/site, que documentam mais do que uma viagem pelo Brasil, mas um percurso interno de penetrar o país (Figura 6, Figura 7). Assim, Magno deixa uma densa contribuição de olhar para a diversidade brasileira a partir da estrada e seus habitantes, ao tentar constituir trocas, vínculos com os lugares, entre as cidades e seus habitantes, intencionando estabelecer diálogos e compartilhar percepções. Com os dois projetos, observamos uma coerência muito grande da artista, que coloca na vida e na arte uma sutileza do seu estar no mundo, com leveza e crítica, com fruição e conduta.

Referências

Maneschy, Orlando; Mokarzel, Marisa. (2012). Fora do centro, dentro da Amazônia – Fluxo de Arte e lugares na estética da existência. In: *Amazônia: ciclos de modernidade*. – São Paulo: Zureta.

Magno, Luciana. (2016 A) Telefone sem Fio – do Oiapoque ao Chuí. Fortaleza:

+2 Editores.

Magno, Luciana. (2016 B). *Orgânicos* (catálogo). Belém: Banco da Amazônia.

Mokarzel, Marisa. (2016). *Série Orgânicos e os prolongamentos de si*. Belém: Banco da Amazônia.